

PERIFERIZAÇÃO URBANA E VIOLÊNCIA: A TERRITORIALIDADE DO CRIME E OS HOMICÍDIOS NO BAIRRO DA TERRA FIRME, BELÉM-PA, ENTRE OS ANOS DE 2013 E 2017

Robson Patrick Brito Nascimento

Mestrando
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal do Pará
robsonbritogeo@gmail.com

Roberto Magno Reis Netto

Doutorando
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal do Pará
bob_reis_ufpa@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-5076-6149>

Clay Anderson Nunes Chagas

Doutor
Reitor e Docente da Universidade do Estado do Pará
Docente da Universidade Federal do Pará
claychagas@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-2855-2056>

RESUMO

Sob a compreensão de que o espaço se apresenta como um conjunto de relações dialéticas no espaço-tempo, onde desigualdades socioeconômicas podem resultar em problemas sociais como a violência e a ocorrência de homicídios, o presente trabalho adotou como objetivo: compreender a dinâmica dos homicídios entre os anos de 2013 e 2017 e sua relação com as áreas precarizadas do bairro da Terra Firme, bem como, com os seus respectivos agentes territoriais. A metodologia consistiu na realização de levantamentos bibliográficos e documentais sobre indicadores do bairro, seguindo-se a realização de uma cartografia, como instrumento de análise para espacializar os homicídios e entender a sua manifestação no período estudado. Como resultados, constatou-se que aglomerados subnormais concentraram os maiores números de homicídios, como resultado da ação de agentes territoriais ligados ao crime e da frágil presença do Estado.

Palavras-chave: Periferização; Territorialidade dos Homicídios; Terra Firme, Belém-PA.

ABSTRACT

Understanding that space presents itself as a set of dialectical relationships in space-time, where socioeconomic inequalities can result in social problems such as violence and the occurrence of homicides, the present work adopted as its objective: understand the dynamics of homicides between the years 2013 to 2017, and its relationship with the precarious areas of the Terra Firme neighborhood, as well as with their respective territorial agents. The methodology consisted of conducting bibliographic and documentary surveys on neighborhood indicators, followed by a cartography, as an analysis tool to spatialize the homicides and understand their manifestation in the period studied. As a result, it was found that subnormal clusters concentrated the highest numbers of homicides, as a result of the action of territorial agents linked to crime and the fragile presence of the State.

Keywords: Peripherization; Territoriality of Homicides; Terra Firme, Belém-PA.

RESUMÉN

Bajo el entendido de que el espacio se presenta como un conjunto de relaciones dialécticas en el espacio-tiempo, donde las desigualdades socioeconómicas pueden derivar en problemas sociales como la violencia y la ocurrencia de homicidios, el presente trabajo adoptó como objetivo: comprender la dinámica de los homicidios entre los años 2013 a 2017, y su relación con las zonas precarias del barrio Terra Firme, así como con sus respectivos agentes territoriales. La metodología consistió en la realización de levantamientos bibliográficos y documentales sobre indicadores barriales, seguidos de una cartografía, como herramienta analítica para espacializar los homicidios y comprender su manifestación en el período estudiado. Como resultado, se encontró que los clusters subnormales concentraron los mayores números de homicidios, como resultado de la acción de agentes territoriales vinculados al crimen y la frágil presencia del Estado.

Palabras clave: Periferización. Territorialidad de los homicidios Terra Firme, Belém-PA.

INTRODUÇÃO

O processo de periferização, compreendido por Freitas (2007) como uma apropriação precária de espaços urbanos, é um fenômeno bastante presente nas cidades brasileiras, marcadas, durante sua formação, por carências relativas à distribuição de serviços públicos e ausência de níveis satisfatórios de infraestrutura, saneamento, educação, segurança etc. De acordo com Souza (2013), considerando que a formação dos espaços urbanos revela processos (des)organizados de mediação de interesses dos diversos agentes em interação, entre si e com as formas existentes, é natural que as cidades, sobretudo, após a intensificação da industrialização registrada a partir dos anos 1950, representem locais que refletem as lógicas (perversas) do mundo globalizado.

Dessa forma, Corrêa (1995) informa que o espaço urbano é o resultado das apropriações espaciais por diferentes agentes sociais, como o Estado, o capital imobiliário, os donos dos meios de produção, os proprietários de terra e, por fim (e ao último), grupos socialmente excluídos. A diferenciação de áreas urbanas, em verdade, traz à tona a própria questão das diferentes formas pelas quais o capital (em sentido amplo) expropria e se apropria dos espaços, ocasionando, de um lado, o aparelhamento de alguns locais (por meio de investimentos próprios ou pela ação do Estado) e, ao revés, o total abandono de outros. Como é o caso da produção espacial por meio da autoconstrução e pelas precariedades que irão se estabelecer em termos de infraestrutura e prestação de serviços a partir das fissuras do Estado.

E é justamente nos locais distanciados dos fluxos do capital que se dá formação dos espaços mais precarizados das cidades que, por não serem alvo de condicionantes para

investimentos, passam a carecer de infraestruturas básicas, a exemplo das periferias da Região Metropolitana de Belém-PA (RMB). Destaca-se, neste contexto, a porção Sul da capital paraense, especialmente, o bairro da Terra Firme, escala de análise da presente pesquisa, onde a violência apresentou uma forte ligação a um processo histórico de urbanização e precarização.

Neste contexto, o presente estudo adotou como objetivo compreender como o processo de precarização do bairro da Terra Firme, Belém-PA, condicionou o surgimento de uma relação de territorialidade do crime em seu respectivo espaço-tempo. A importância do tema reside, primeiramente, na possibilidade de apreensão de uma realidade que, indutivamente, pode servir como base para o entendimento do contexto de violência registrada noutros bairros da capital, Belém-PA, ou, até mesmo, de outras cidades com características semelhantes. Além disso, o estudo representa uma fonte de informações significativas para o processo de tomada de decisões pelo poder público municipal e estadual, tanto numa perspectiva de assistência, quanto na implementação de medidas relativas à segurança pública.

Por fim, o estudo simboliza uma luz sobre a realidade social de violência, vivenciada por diversos cidadãos, mas, nem sempre bem compreendida diante das variáveis incidentes em razão do processo histórico de formação local, e que, uma vez compreendidas, podem oferecer soluções para ações por parte dos próprios agentes territoriais (legais) do bairro. Para além dessa introdução, o estudo se divide em uma seção metodológica, e um tópico de resultados, encerrando-se com as devidas considerações finais.

METODOLOGIA

Considerando que o trabalho buscou revelar uma correlação entre a territorialidade do crime e a precarização dos espaços urbanos, afigurou-se necessária, primeiramente, a realização de uma análise das contradições materiais inerentes a este processo. Para tanto, o estudo adotou o método materialista histórico e dialético o qual compreende que as estruturas sociais são formuladas a partir de processos contraditórios que envolvem lutas desiguais pela apropriação injusta do trabalho e do espaço (MARTINS; THEÓPHILO, 2016).

Por sua vez, como técnica de pesquisa, o estudo realizou: a) uma pesquisa bibliográfica sobre obras que trataram do processo de formação histórica do bairro da Terra Firme, Belém-

PA; b) de pesquisas documentais baseadas em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (CERQUEIRA et al, 2019), a respeito de aspectos socioeconômicos e espaciais da capital e do bairro da Terra Firme, bem como, dados da Secretaria Adjunta de Estatística e Análise Criminal do Estado do Pará – SIAC, relativos aos 113 (cento e treze) homicídios ocorridos entre os anos de 2013 e 2017.

Para análise e exposição dos resultados, foram utilizadas técnicas de estatística descritiva (BUSSAB; MORETIN, 2017) e de cartografia temática (ARCHELA; THÉRY, 2008), as quais permitiram o estabelecimento de uma correlação entre espaços precarizados e ocorrência de homicídios a partir de representações cartográficas que transformaram os pontos de ocorrência dos homicídios registrados em manchas de calor para estabelecer um gradiente de intensidade, nos termos propostos por Beato (2012), classificada de *hot spots*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

É pertinente, primeiramente, compreender como a (re)produção do espaço na escala da cidade de Belém ocasionou reflexos nas condições específicas dos bairros. Nesse sentido Corrêa (2006) afirma que expansão das cidades está ligada, principalmente, às estratégias de industrialização do capital que promovem inúmeras transformações nas malhas e redes urbanas, cuja finalidade, ao fim, é promover uma maior integração dos empreendimentos para suas práticas mercadológicas.

Porém, o efeito colateral deste fenômeno é a segregação das populações e a fragmentação dos espaços urbanos. A consolidação da cidade de Belém como uma cidade polarizadora e posteriormente como metrópole emergiu a partir da década de 1970 e as consequências disso foram as mais variadas contradições, como a socioespacial, impulsionada pela segregação dos lugares de trabalho (centro) e os lugares de moradias que abrigavam a população ativa e desempregada (periferias).

A concentração de serviços e pessoas fomentou uma série de transformações no espaço urbano de Belém, tornando-a uma das principais cidades ao Norte do Brasil em termos de fluxos econômicos, o que, certamente, atraiu um considerável quantitativo de investimentos e mão de

obra. Contudo, este *status* revelava uma contradição: paralelamente à evolução da cidade, constatou-se uma intensa migração que, pelo excedente de mão de obra, resultou em precarização das relações de trabalho e intensificação da pobreza (FERREIRA, 1995).

Diante dessas relações socioeconômicas viu-se a impossibilidade de ocupação das áreas mais favorecidas. Logo, a população mais pobre ficou sujeita a um processo de segregação social às áreas de baixada, correspondentes a porção Sul da cidade de Belém-PA (FERREIRA, 1995). Com isso, iniciou-se um processo de ocupação irregular e precária de áreas historicamente esquecidas pela ação estatal, resultando na formação de bairros como o do Guamá e da Terra Firme, que apresentam as maiores densidades demográficas da cidade (este último bairro, inclusive, detém a maior densidade populacional e o maior número de aglomerados de pessoas por km² de Belém, conforme tabela 1) (IBGE, 2010).

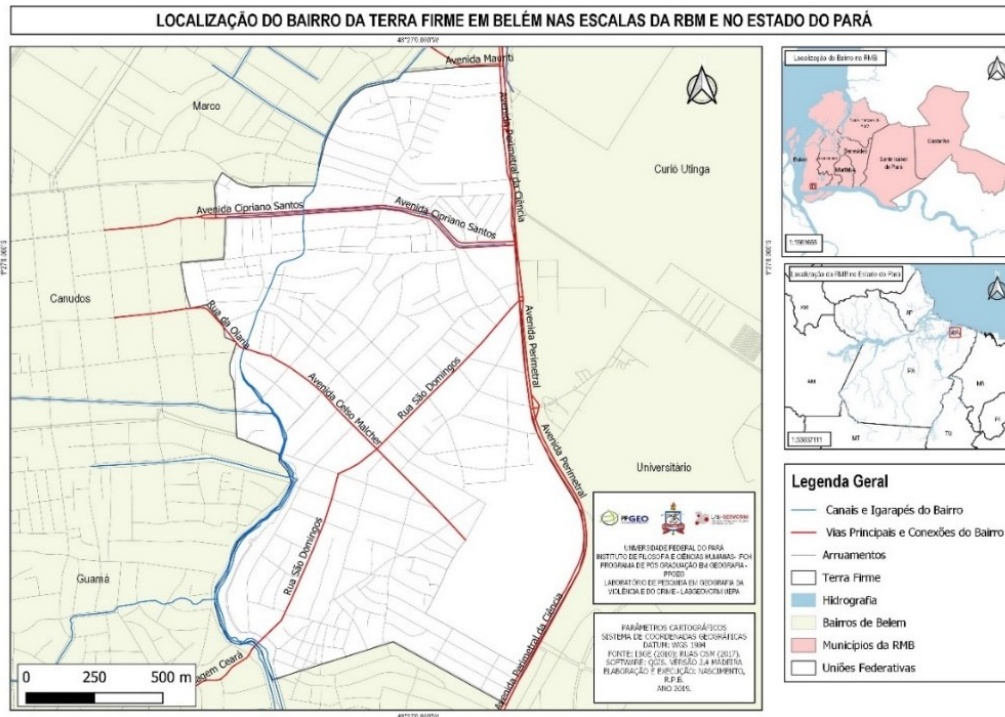
Tabela 1 – Classificação dos quatro bairros da capital com maior contingente populacional de Belém-PA, com classificação de densidade de habitantes por KM².

| Bairros | População | Área do bairro | Densidade |
|----------------|------------------|-----------------------|--------------------------|
| Guamá | 94.415 hab | 4,2 km ² | 22,4 hab/km ² |
| Marco | 65.814 hab | 4,9 km ² | 13,4 hab/km ² |
| Terra Firme | 61.404 hab | 2,2 km ² | 27,9 hab/km ² |
| Canudos | 13.784 hab | 0,7 km ² | 19,6 hab/km ² |

Fonte: IBGE (2010), conforme elaboração dos autores, 2021

A ocupação destes locais pela população mais pobre, por sua vez, manteve-se ao longo da história da cidade, sobretudo, pela falta de políticas de aparelhamento urbano da maior parte das áreas dos bairros destacados. Com isso, deu-se um processo de formação de aglomerados de exclusão (SOUZA, 2013), expressos pela concentração populacional não só na Terra Firme, como nos demais bairros localizados ao seu redor (figura 01).

Figura 01 - Mapa da Localização do Bairro da Terra Firme, em Belém-PA, na Região Metropolitana de Belém e no Estado do Pará.



Fonte: CODEM (2000); IBGE (2010); OSM (2017). Elaborado pelos autores, 2021

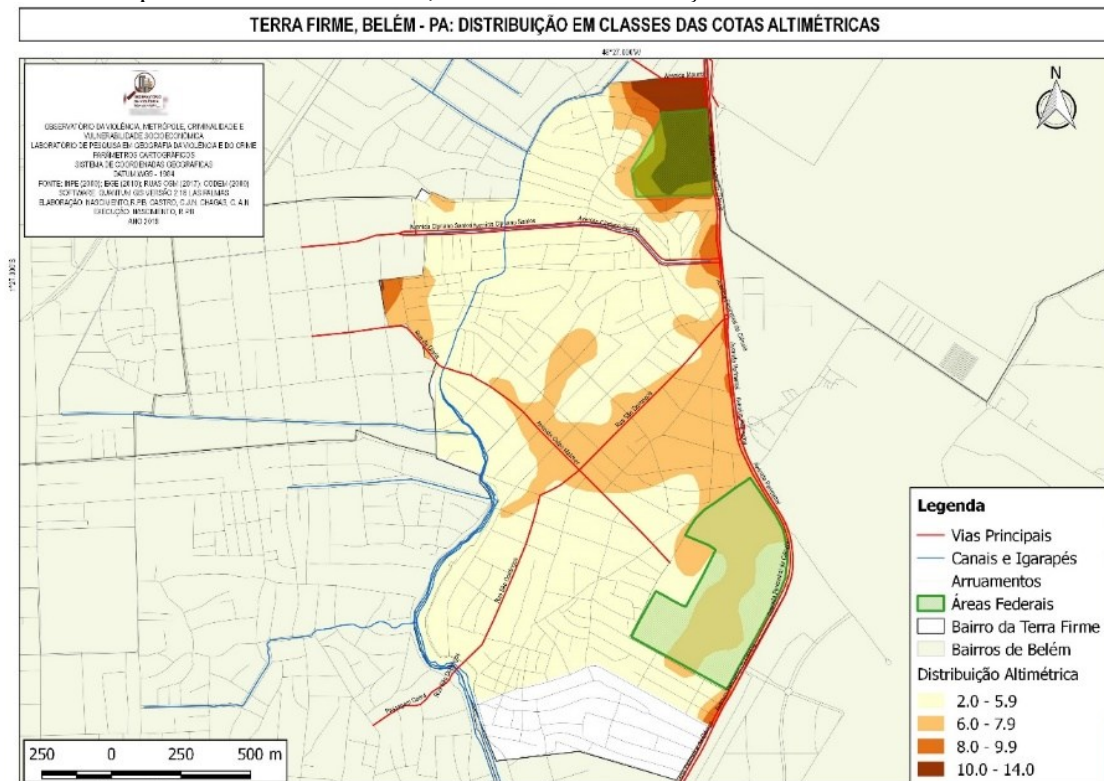
O bairro da Terra Firme é um espaço que representa um reflexo histórico da produção contraditória do espaço urbano da cidade de Belém, pois as principais atividades econômicas convergiam para o centro da cidade e, com a especulação imobiliária, as populações de baixo poder aquisitivo se direcionaram aos terrenos mais baratos. Um exemplo disso são as ocupações das baixadas presentes na porção Sul da capital paraense (FERREIRA, 1995).

Os espaços periféricos foram produzidos pelas ações diretas e indiretas dos agentes produtores dos espaços urbanos (CORRÊA 1989), que, ao valorizar a infraestrutura das centralidades das cidades, de outro lado, permitiram uma desregulada ocupação das áreas periféricas, sob uma lógica de autoconstrução e desordenação.

De acordo com essa lógica, o processo de periferização no bairro da Terra Firme se desencadeou a partir das ocupações das baixadas, sob a construção de pontes e estruturas de palafitas as margens do rio Tucunduba (FERREIRA, 1995). A figura 02 mostra a distribuição em cotas altimétricas do bairro da Terra Firme, cujas ruas, inicialmente, foram aterradas com lixo e coroços de açaí, registrando inundações frequentes. Nas localidades ao redor, igualmente,

não havia ruas pavimentadas, a iluminação pública e saneamento básico eram precarizados e a paisagem refletia as condicionantes socioeconômicas e as contradições do capital.

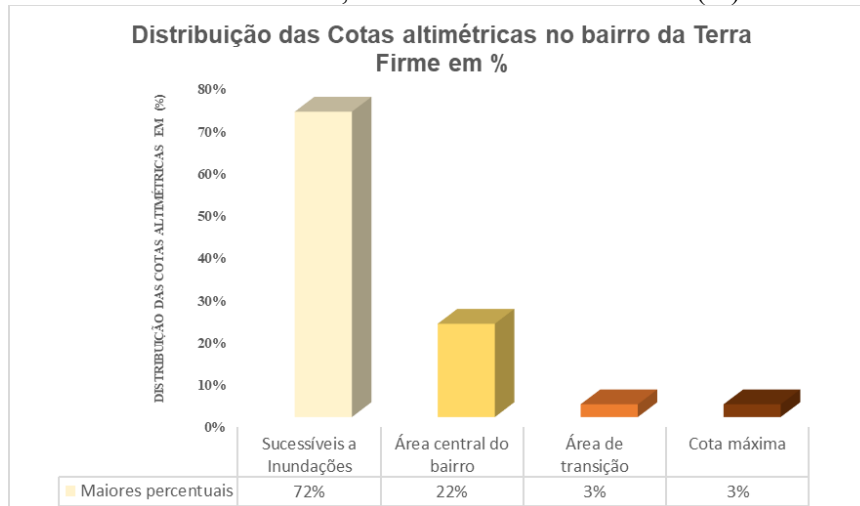
Figura 02 - Mapa do bairro Terra Firme, Belém-PA: Distribuição Em Classe Das Cotas Altimétricas.



Fonte: INPE (2000); IBGE (2010); CODEM (2000); OSM (2017). Elaborado pelos autores, 2021.

As cotas altimétricas, em questão, foram extraídas a partir da vetorização das camadas *Rasters do topodata*. Ferreira (1995), em abordagem sobre as baixadas às margens do Tucunduba, estipulou como localidades inundáveis as áreas de 2 a 4 metros de altimetria. Contudo, levando em consideração as fortes chuvas na região Amazônica e o período de maré alta, as inundações chegam à faixa de 5.9 metros de altitude e, assim, entende-se que esse limite das faixas é suscetível às inundações na maior parte do bairro como aponta o gráfico da figura 03.

Figura 03 – Gráfico das Cotas Altimétricas, no bairro da Terra Firme em (%).



Fonte: INPE (2000). Elaborado pelos autores, 2021.

As áreas sucessíveis a inundações correspondem a 72% da extensão territorial do bairro e apresenta o intervalo de 2 a 5.9 metros de cota altimétrica. A segunda faixa altimétrica varia de 6 até 7.9 e corresponde as áreas centrais e mais valorizadas do bairro. Nessas localidades as inundações não se manifestam de forma efetiva, devido à altitude do relevo. Logo, essas terras urbanas apresentam um preço mais elevado, principalmente, por estarem nas proximidades das Ruas São Domingos e Celso Malcher (cerca de 22% do bairro em questão).

As áreas de transição (8 a 9.9 metros) e cotas máximas representam 6% da Terra Firme (ambas possuem 3%, cada). A primeira se localiza nas extensões da Avenida Perimetral da Ciência e do Núcleo Pedagógico Integrado (NPI), área que facilita o escoamento da água das chuvas para as localidades mais baixas (áreas centrais e posteriormente sucessíveis a inundações). A cota máxima representa as partes mais altas do bairro e se encontra ao Norte da representação cartográfica como expressado na figura 02. Ela se faz presente às proximidades da Avenida Perimetral e não é inundável, fazendo com que água desça de forma gradativa, graças ao relevo íngreme.

O processo de ocupação da Terra Firme está diretamente ligado às ocupações das baixadas, apresentando diversas problemáticas relacionadas a autoconstrução, como as precariedades na infraestrutura e prestação de serviços. Assim, a consolidação da Terra Firme

se deu por meio de relações históricas marcadas por desigualdades, contradições socioeconômicas e do surgimento de assentamentos precários.

As palafitas ainda existem no bairro, como é o caso da ocupação do Pantanal e as residências próximas do canal da Ligação, atestando que ainda é preciso estabelecer políticas públicas e investimentos voltados à habitação. Porém, grande parte delas foram removidas nos bairros do Guamá e Terra Firme, devido às obras de macrodrenagem do Rio Tucunduba as quais se estendem até os dias de hoje com duas partes das obras concluídas, somente. Essa obra tem o objetivo de promover uma urbanização e estabelecer melhorias no escoamento e saneamento das vias locais.

Atualmente, o bairro ainda apresenta diversas contradições, embora as localidades tenham vivenciado melhorias ao longo do tempo. Em contrapartida, algumas partes do bairro ainda carecem de infraestruturas e serviços essenciais para a manutenção de uma moradia digna (saneamento, iluminação, pavimentação, saúde, educação e segurança pública). Essa periferação, como se observa, é marcada pela presença de um conjunto de *insuficiências*, que, por sua vez, afetam de forma negativa a vida da população. As formas com que as periferias são (re)produzidas mostram que estas surgiram a partir do estabelecimento de moradias em terrenos irregulares, estruturas de arruamentos abertos de forma não planejada, dentre outros. Surgem, assim, os locais que o IBGE (2010) estabelece enquanto aglomerados subnormais¹.

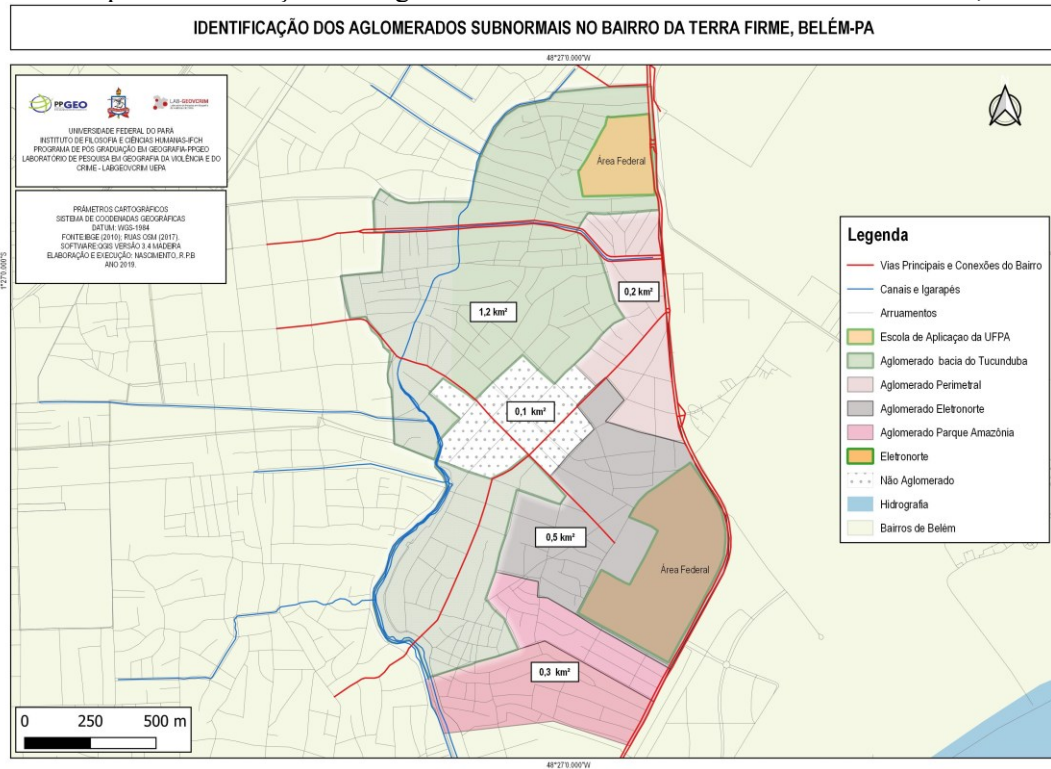
Assim, tem-se que o processo de ocupação irregular da Terra Firme deu origem a um mosaico de relações históricas e sociais desiguais que, como resultado, consolidaram quatro

¹ O setor especial de aglomerado subnormal é um conjunto constituído de, no mínimo, 51 (cinquenta e uma) unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa. A identificação dos Aglomerados Subnormais deve ser feita com base nos seguintes critérios: a) Ocupação ilegal da terra, ou seja, construção em terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) no momento atual ou em período recente (obtenção do título de propriedade do terreno há dez anos ou menos); e b) Possuírem pelo menos uma das seguintes características: urbanização fora dos padrões vigentes - refletido por vias de circulação estreitas e de alinhamento irregular, lotes de tamanhos e formas desiguais e construções não regularizadas por órgãos públicos; e precariedade de serviços públicos essenciais. Os Aglomerados Subnormais podem se enquadrar, observados os critérios de padrões de urbanização e/ou de precariedade de serviços públicos essenciais, nas seguintes categorias: a) invasão; b) loteamento irregular ou clandestino; e c) áreas invadidas e loteamentos irregulares e clandestinos regularizados em período recente (IBGE, 2010, p. 27).

aglomerados subnormais (IBGE, 2010; CERQUEIRA et al, 2019): a) o primeiro é a Bacia do Tucunduba, cuja ocupação começou na década de 1960, por meio de palafitas construídas sobre planícies inundáveis; b) a ocupação da Eletronorte, decorrente do processo de expansão da malha urbana de Belém, a partir de 1970; c) a ocupação contígua à Avenida Perimetral, surgida como consequência da construção desta via, em meados da década de 1980 e d) a ocupação do Parque Amazônia que emerge em decorrência de lutas entre a comunidade local e Universidade Federal do Pará, no início da década de 1990 (FERREIRA, 1995) conforme se observa no mapa da figura 04.

O que se observa, do contexto de ocupação do bairro, é que ele já correspondia a uma área inicialmente relegada pela economia belenense a qual, diante da ocupação precária e intensa iniciada desde o período da economia da borracha, continuou relegado a um segundo plano nas políticas de desenvolvimento iniciais (FERREIRA, 1995). As Unidades de Desenvolvimento Humano do Bairro, em razão das ocupações precárias, são de padrão médio (variando entre 0,618 e 0,691), o que, de acordo com a classificação do PNUD (2019), conforma áreas classificáveis como precárias e, ao mesmo tempo, revela a precariedade característica do bairro.

Figura 04 - Mapa da Localização dos Aglomerados Subnormais do bairro da Terra Firme, Belém-PA.



Fonte: IBGE (2010); Ferreira (1995). Elaborado pelos autores, 2021.

Diante deste quadro, é possível afirmar que a presença incipiente ou, até mesmo, a insuficiência do poder público neste espaço potencializa o exercício de micropoderes por parte de outros agentes (RAFFESTIN, 1993). Dentre estes, por sua vez, é possível destacar a presença e expansão de agentes vinculados às atividades criminosas, portanto, contrárias ao ordenamento jurídico oficial, a exemplo do que se evidenciou em outros bairros da capital, como o Jurunas e o Guamá (CHAGAS, 2014).

Considerando-se que não há vácuo de poder que não seja imediatamente ocupado por outros agentes que dispõe de quantidades de energia e informação para consolidação/manutenção de territórios conforme seus planos de poder – planos sintagmáticos (RAFFESTIN, 1993), é possível afirmar a existência de uma *territorialidade do crime* nos bairros precarizados, enquanto consequência da ineficiência histórica do Estado que, no que lhe concerne, afasta outras instâncias de mediação e controle dos conflitos sociais (CHAGAS, 2014). O crime surge no espaço.

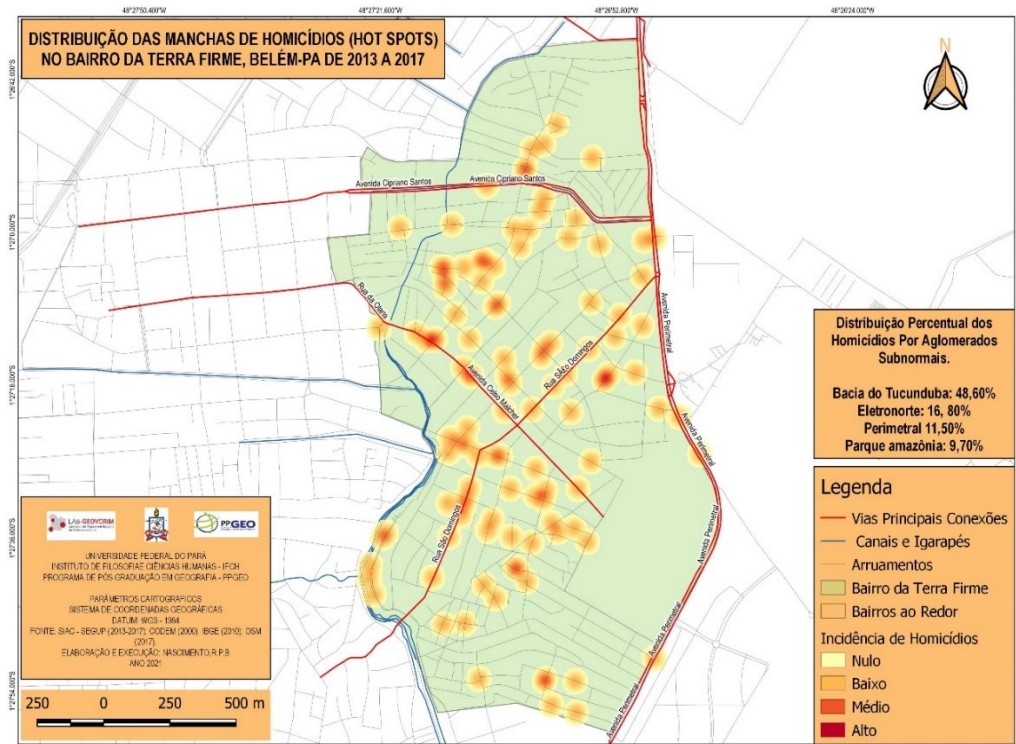
Batella (2008), esclarece que o *crime* constitui um conceito polissêmico permeado por diversas historicidades e particularidades, englobando, assim, um conjunto variado e complexo de ações as quais se explicariam sob três vertentes: a) a primeira decorrente da doutrina penal brasileira que considera como crime toda ação humana que infringe o Código Penal (definição bastante insuficiente, sobretudo, por se restringir apenas ao Código Penal e não levar em consideração outras formas mais complexas de violência); b) a definição de crime enquanto fato resultante da conduta do homem que fere ou põe em risco um bem jurídico abarcado pela legislação (ampliando o conceito originário, mas, ainda assim, tornando-o dependente da lei e seus limites); e, c) o crime enquanto conjunto de manifestações violentas em uma sociedade (definição que abandona o aspecto legalista e se aproxima de uma manifestação material do fenômeno, possibilitando sua interpretação a partir de diversas manifestações concretas da violência).

Esta terceira definição, por conseguinte, mostra-se bastante relevante à compreensão da ideia de territorialidade do crime, já que os limites impostos pela ideia de legalidade são ponderáveis e sucessíveis de flexibilização em razão das desigualdades entre indivíduos, o que é notório, aliás, quando do cometimento de crimes por agentes hegemônicos (nem sempre punidos conforme o real prejuízo causado e cuja violência material tende a ser contraditoriamente ocultada pelas relações sociais). A criminalidade, portanto, pode ser entendida como um conjunto de condutas que se manifestam no espaço, a partir de um conjunto de relações territoriais impulsionadas por diversos fatores, e, potencializadas (conforme cada tipo de crime) por precariedades nos setores sociais como saúde, educação e segurança pública.

Sob este entendimento, pode-se afirmar, conjuntamente com Chagas (2014), que a precarização de bairros da cidade e a histórica ausência do poder público, propiciou o advento de relações que marcaram o espaço-tempo por meio da violência. Destaca-se, aliás, a presença dos homicídios (CHAGAS, 2014), enquanto manifestações extremas da violência. Deve-se advertir, no entanto, que a manifestação da criminalidade nas regiões mais precarizadas, nem de longe, significa que a *pobreza gera violência*, senão, que o abandono de espaços pelo Estado e pela economia pode ocasionar o surgimento de disputas por recursos e localizações interessantes aos agentes territoriais do crime.

Nesse sentido, pode-se observar a partir do mapa da figura 05, que há uma forte incidência de homicídios no bairro da Terra Firme, sendo assente uma concentração das mortes nas proximidades (áreas fronteiriças) dos bairros do Guamá e Canudos (porção sudoeste e oeste do bairro, respectivamente), bem como, nas proximidades das vias principais do bairro, como a Rua São Domingos, Avenida Celso Malcher e a Avenida Cipriano Santos. Há, portanto, pelo menos duas áreas onde a ocorrência de crimes denota uma relação de territorialidade entre os agentes locais, como se passa a discutir.

Figura 05 – Mapa da Distribuição das Manchas de Homicídios (Hot Spots) no bairro da Terra Firme, Belém-PA de 2013 e 2017.



Fonte: Secretaria Adjunta de Inteligência e Análise Criminal – SIAC (2013 – 2017). Elaborado pelos autores, 2021.

Conforme pesquisa realizada por Nascimento (2019), a despeito da presença de três órgãos policiais na área (Delegacia de Polícia Civil do Estado do Pará, Unidade Integrada do Pará Paz e a Base Comunitária da Terra Firme), a população residente referiu um clima de insegurança local e de insuficiência dos serviços públicos. Identificou-se nos relatos, ainda, a presença de agentes territoriais do crime como *milícias* (socialmente representadas por

prestadores de segurança privada, em simbiose com policiais no exercício de função ilegal) e traficantes de drogas os quais, ao exercerem atividades que buscam finalidades dissidentes e de natureza conflitante, acabam por tornar o bairro um mosaico de relações políticas, ideológicas e simbólicas (HAESBAERT, 2004).

No ponto de encontro das duas principais vias que cortam o bairro (Rua São Domingos e Avenida Celso Malcher), há uma extensa área comercial onde se instituiu uma intensa relação dos comerciantes com os serviços de segurança privada, ostensivamente representada por adesivos de empresas (NASCIMENTO, 2019). O aprofundamento dos relatos colhidos por Nascimento (2019), no entanto, denunciou uma possível ligação entre essas empresas e as milícias locais que, ao garantir a segurança dos empreendimentos privados, utiliza-se da morte de criminosos não só como forma de eliminá-los, mas, também, como uma maneira de simbolizar seu poder territorial (RAFFESTIN, 1993). De maneira similar, Nascimento (2019) também identificou relatos sobre a presença de agentes do tráfico de drogas em algumas localidades da Terra Firme que também albergariam uma relação territorial simbólica por meio de pichações vedando o roubo na comunidade.

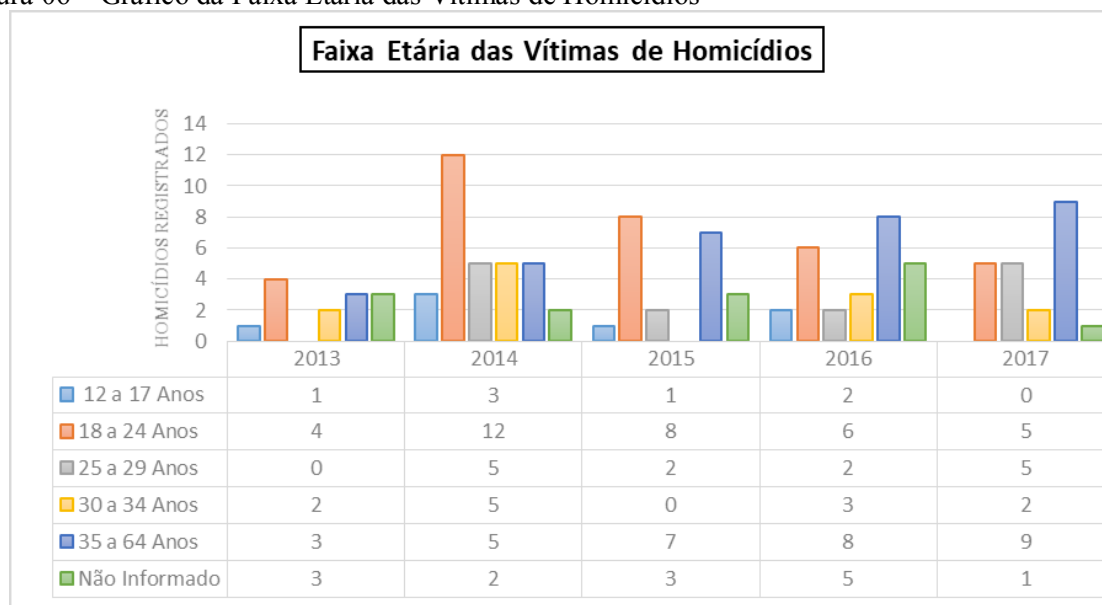
Ambos os agentes, paralelamente aos demais (população em geral, Estado, comerciantes etc.), buscariam proteger seus territórios de incursões indesejadas por (outros) criminosos. Porém, enquanto as milícias se valeriam de uma biopolítica do poder para promover o (suposto) bem-estar de classes favorecidas economicamente (os comerciantes), o tráfico adotaria a mesma postura no sentido de garantir um clima pacífico (sem a presença da polícia) para exercício do comércio de drogas (REIS NETTO, CHAGAS, 2018). O antagonismo entre esses grupos e seus respectivos planos de poder, certamente, constituiu uma hipótese explicativa da ocorrência de homicídios nas proximidades dos bairros do Guamá e Canudos, onde o surgimento de zonas de tensão entre traficantes rivais e entre estes e as milícias, transformariam a violência num instrumento de manutenção de hegemonias, como aponta Arendt (1994).

Por conseguinte, correlacionando as informações colocadas no mapa da figura 04, observa-se uma forte presença de homicídios no aglomerado Bacia do Tucunduba (48,6% dos homicídios do bairro), revelando-o como uma possível zona de tensão local, seguido do aglomerado da Eletronorte (16,8%), do Aglomerado da Perimetral (11,5%), e, por fim, do

Aglomerado do Parque Amazônia (9,7%). Também não se deve olvidar os homicídios registrados na região central do bairro a qual, embora não se constitua como aglomerado subnormal pelo IBGE (2010), concentra em torno de 15 homicídios no período estudado (13,7%). A relação entre precarização, agravamento do contexto de vulnerabilidade ao crime e ocorrência de mortes como manifestação da violência, novamente, assente a partir do alto índice de mortes presente no Aglomerado do Tucunduba (área mais precarizadas do Bairro da Terra Firme).

Os elevados números de homicídios atingem principalmente a população jovem-adulta. Afinal, num contexto de desigualdades econômicas (já que as periferias também são desassistidas de oportunidades e formação educacional e técnica) de uma sociedade imediatista, é essa parcela que costuma se aventurar no crime, em busca de uma fonte de renda satisfatória e em um curto intervalo de tempo (REIS NETTO, CHAGAS, 2018). Embora, as Universidades Federais estejam próximas, fisicamente, a segregação desses espaços em relação à juventude periférica ainda é um desafio a ser vencido de forma contínua. Se persistente o fechamento dos espaços em que possam ser criadas oportunidades a este público populacional, decerto, o número de mortes continuará em ascendência, como aponta o gráfico da figura 06.

Figura 06 – Gráfico da Faixa Etária das Vítimas de Homicídios



Fonte: SIAC – SEGUP (2013 – 2017). Elaborado pelos autores, 2021.

Os dados analisados demonstraram uma prevalência dos homicídios na faixa etária entre os jovens adultos (18 a 29 anos de idade), que conglobaram 43,3% das mortes, correspondente à faixa de idade de cidadãos normalmente alijados do mercado formal de trabalho e que, pela situação de desemprego numa sociedade de consumo, acabam por ser recrutados pelo crime, e, assim, a se sujeitar a um maior risco de violência (e morte). Para além disso, ganha destaque a presença de adolescentes (faixa etária de 12 a 17 anos), entre os homicídios os quais chegam a atingir 6% do total de 113. Portanto, a cooptação de jovens para o mundo do crime surge ainda na adolescência.

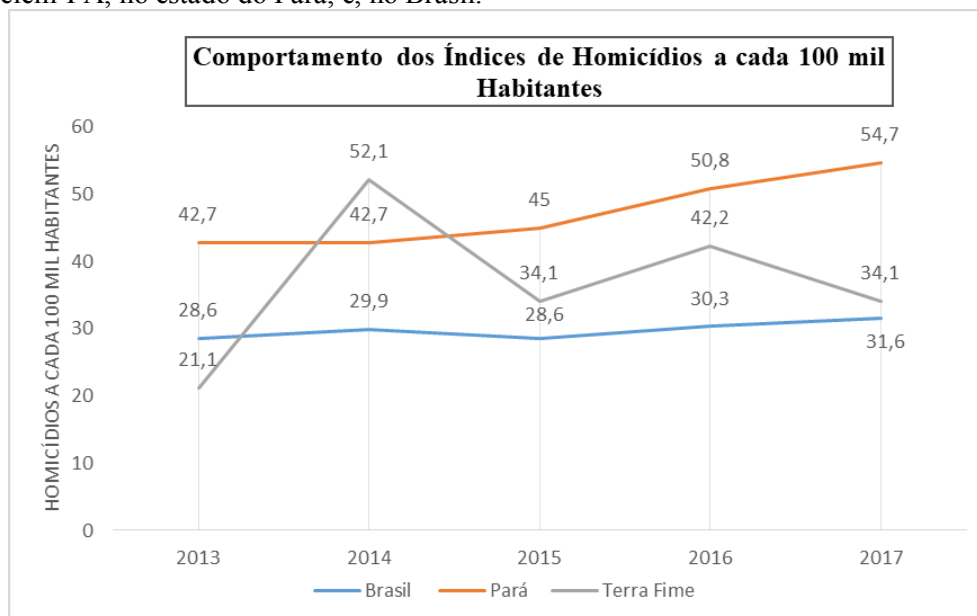
Outro fator que também pode contribuir para esse contexto é a existência de poucas ou de nenhuma programação de lazer para a população que fica dependendo principalmente das ações da Universidade Federal do Pará - UFPA ou da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, já que o Estado se apresenta de forma tímida em relação a políticas públicas dessa natureza.

Beato (2012) classifica que existe uma relação do aumento do número de homicídios com os indicadores sociais. Santos (2006), por outro lado, compreende que as desigualdades são potencializadoras de muitos problemas sociais das cidades do mundo globalizado. “No Brasil, essas desvantagens concentram-se nos grupos mais pobres, nos quais é rarefeita a proteção do Estado e da Sociedade. Além de estes viverem em guetos espacialmente isolados” (BEATO, 2012, p. 91).

Outra faixa etária que a SIAC/SEGUP-PA classifica são as dos adultos de 30 a 34 anos que apresentam um total de 15 registros de mortes violentas dos 113 ocorridos no bairro no período de 2013 a 2017, atingindo-se a porcentagem de 13,2% do total. Posteriormente, tem-se ainda a classe de 35 a 64 anos, que apresenta 32 casos e corresponde a 28,3%, a segunda maior média por idades.

Outra característica que precisa ser apontada são os índices de homicídios (à cada 100.000 habitantes) registrados na Terra Firme, que, abaixo, são correlacionados com os índices do Brasil e Estado do Pará. O comportamento desses crimes está especificado no gráfico da figura 07.

Figura 07 - Gráfico do comportamento dos homicídios, a cada 100 mil habitantes, no bairro da Terra Firme, Belém-PA, no estado do Pará, e, no Brasil.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da SIAC – SEGUP.

Enquanto o estado do Pará e o Brasil apresentam índices que revelam uma ascensão simétrica (estando o Pará acima dos índices do país, ressalte-se), o bairro da Terra Firme apresenta oscilações e inconstâncias que chegam a ultrapassar o estado e o país. A menor taxa de homicídios é de 21.1 e a maior 52.1, com taxa média de 36.7 no período entre 2013 e 2017. Os índices mais altos, possivelmente, apontam momentos de agravamento das tensões territoriais no bairro, seguindo-se de momentos de estabilidade (sem, entretanto, eliminação dos conflitos) com redução de mortes.

As maiores médias foram registradas no ano de 2014 na escala do bairro e do estado do Pará. Isso se explica pelo fato de que, durante o período de 2014, a cidade de Belém passou por uma crescente onda de violência, na qual grupos criminosos buscavam exercer suas territorialidades a partir da execução de rivais ou de (ex)policiais, o que resultou no registro de homicídios e chacinas na capital (SAUMA, SOTER, MAIA, 2018; REIS NETTO, CHAGAS, 2018). Essas ações promoveram ainda mais a sensação de insegurança da população nos bairros periféricos. O pânico, expresso por veículos que jamais circulam com vidros baixos em bairros como a Terra Firme, por sua vez, foi só mais uma expressão da segregação que se ampliava

mais ainda após os registros de mortes e estigmatização local. A maioria dos mortos foi do público de jovens-adultos, atestando, ainda mais, a vulnerabilidade deste público.

O medo se tornara a última fronteira da fragmentação dos espaços, admitindo que a violência (que já é assente no bairro) seja utilizada como remédio a ser aplicado pelo estado como solução para (o mesmo) problema. Igualmente, a violência legitima a ação das reputadas milícias locais, consolidando, com isso, o ciclo incessante de violência historicamente construído e agravando, mais ainda, as consequências do processo de (re)produção (desigual) do espaço urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou revelar como o processo de precarização do bairro da Terra Firme, Belém-PA, condicionou o surgimento de uma relação de territorialidade do crime em seu espaço-tempo. Da análise do processo de ocupação do bairro, marcado por forte periferização e ausência do poder público, pode-se perceber o advento de espaços propícios ao exercício de uma territorialidade do crime ocasionada pela ação de milícias e traficantes de drogas.

Com isso, os homicídios (manifestação da violência extrema) apresentaram significativa concentração em possíveis zonas de tensão entre os agentes territoriais antagônicos no espaço-tempo (sobretudo, os ilícitos), bem como, revelou forte correlação com a população mais jovem do bairro (potencialmente recrutável pelas atividades criminosas em questão).

Em suma, além da confirmação da correlação entre precarização urbana e o potencial surgimento de territorialidades do crime, constatou-se, em igual medida, que a análise cartográfica de indicadores sociais de forma conjugada às manifestações materiais da violência pode contribuir para a compreensão das manifestações do crime nos espaços urbanos, representando, assim, um efetivo instrumento de análise para o estabelecimento de ações de prevenção e combate da insegurança que atinge os centros urbanos do Pará e do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ARCHELA, R. S.; THÉRY, H. Orientação metodológica para construção e leitura de mapas temáticos. **Confins**, v. 3, n. 3, p. 1-21. 2008.
- ARENDETT, H. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Editora Relum e Dumará, 1994. p. 1-71.
- BATELLA, W. B. **Análise Espacial dos Condicionantes da Criminalidade Violenta no Estado de Minas Gerais – 2005: Contribuições da Geografia do Crime** (Dissertação de mestrado). Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial - PUC/MG, 2008.
- BEATO, C. **Crimes e Cidades**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. A. **Estatística Básica**. 9. Ed. São Paulo: Saraiva, 2017. p. 1 – 528.
- CARLOS, A. F. A. Da "Organização" à "Produção" do Espaço no Movimento do Pensamento Geográfico. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 53 – 74.
- CERQUEIRA, D.; LIMA, R. S.; BUENO, S.; VALÊNCIA, L. I.; HANASHIRO, O.; MACHADO, P. H. G.; LIMA, A. S. **Atlas da Violência 2019**. Brasília: IPEA – Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. p. 1 – 116.
- CHAGAS, C. A. N. Geografia, Segurança Pública e a Cartografia dos Homicídios na Região Metropolitana de Belém. **Boletim Amazônico de Geografia**, n. 1, v. 01, p. 186-204. 2014.
- CORRÊA, R. L. **Estudos Sobre a Rede Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil 2006. p. 1 – 332.
- CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. 3. Ed. São Paulo: Editora Ática S. A., 1995. p. 1 – 174.
- FERREIRA, C. F. **Produção do Espaço Urbano e Degradação Ambiental: um estudo sobre a várzea do Igarapé do Tucunduba** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Geografia Física/USP, 1995.
- FREITAS, R. O. A Periferia da Periferia: mídias alternativas e cultura de minorias em ambientes não-metropolitanos. **Cadernos de Ciências Humanas – Especiaria**, v. 10, n.17, p. 191-212, 2007.
- HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização: “fim dos territórios” a multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 1 – 396.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Brasília: IBGE, 2010.
- MARTINS, G. A.; THEÓFILO, C. R. **Metodologia da Investigação Científica Aplicada às Ciências Sociais Aplicadas**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2016. p. 1 – 264.
- MELGAÇO, L. M. **A Geografia do Atrito: Dialética Espacial e Violência em Campinas – SP** (Tese de Doutorado). São Paulo: Departamento de Geografia/USP, 2005.

NASCIMENTO, R. P. B. **Geografia, violência e território: uma análise sobre a territorialidade em volta dos homicídios no bairro da terra firme, Belém-PA, nos anos de 2013 a 2017.** (Monografia). Belém: UEPA, 2019.

RAFFESTIN, C. **Por Uma Geografia do Poder.** São Paulo: Editora Ática, 1993. p. 1 – 269.

REIS NETTO, R. M.; CHAGAS, C. A. N. A associação externa como forma de integração dos presídios às redes externas do tráfico: a percepção dos agentes territoriais da segurança pública no Pará. **Estudos Geográficos**, v. 16, n. 2, p. 157-173. 2018.

SAUMA, J; SOTER, G; MAIA, C. Explosão de milícias no Pará aconteceu em 2014, diz MP; levantamento do G1 aponta 500 mortes violentas a mais todos os anos. **G1 Pará**, Belém, jun. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/explosao-de-milicias-no-para-aconteceu-em-2014-diz-mp-levantamento-do-g1-aponta-500-mortes-violentas-a-mais-todos-os-anos.ghtml>. Acesso em: 06.06.2021. 2018.

SOUZA, M. L. **Abc do Desenvolvimento Urbano.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p. 1 – 192.